



FORMAÇÃO INICIAL E ESTÁGIO NA PEDAGOGIA: VIVÊNCIA E REFLEXÕES

Cristina Nalon de Araujo¹
Mari Clair Moro Nascimento²

RESUMO: Este trabalho trata do Estágio Curricular Obrigatório na formação inicial de professores, no curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina, no âmbito dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O objetivo do estudo é apresentar considerações acerca do estágio obrigatório no referido curso, relatando as vivências, no ano de 2012, em uma escola municipal de Londrina/PR. O recorte voltou-se para o papel do estágio na formação de pedagogos e as rotinas de leitura presenciadas na escola, o qual foi primeiramente descrito em um diário de campo e analisado à luz do referencial teórico delimitado. Considera-se que o momento do estágio permite estabelecer uma práxis reflexiva, ao propiciar a vivência prática dos conhecimentos adquiridos na Universidade, ampliando o saber a respeito do trabalho educativo realizado pelo professor-pedagogo no espaço escolar. Dos diversos espaços para a sua atuação, o pedagogo pode exercer sua profissão nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e isso lhe confere responsabilidades específicas, uma delas é a alfabetização e a promoção de alunos leitores, da palavra e do mundo, para além da mera decodificação. Nesta perspectiva, as licenciaturas precisam formar professores leitores, tendo em vista que esses tenham ações voltadas ao desenvolvimento de alunos leitores.

PALAVRAS-CHAVE: Formação inicial; Estágio; Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta considerações sobre o Estágio Curricular Obrigatório na formação de professores do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina, (UEL) tendo como cenário os Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

A compreensão e composição do trabalho pedagógico passam pelos conhecimentos construídos na universidade, acerca do que venha a ser o ensino e a

¹ Mestranda em Educação na Universidade Estadual de Londrina, bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. cristina.n.araujo@hotmail.com

² Mestra em Educação pela Universidade Estadual de Londrina – Docente na Universidade Estadual de Londrina. maricclairmoro@hotmail.com.

aprendizagem, sendo a efetivação do que se adquiriu teoricamente no momento do estágio, componente curricular indispensável a uma formação docente mais ampla.

A Deliberação 030/2011, da Câmara de Graduação da Universidade Estadual de Londrina, que regulamenta o estágio curricular do Curso de Pedagogia, trata no parágrafo 2 do artigo 1 sobre a especificidade da atuação do pedagogo: "A especificidade de atuação profissional do pedagogo é lidar com os espaços educativos escolares e não escolares, sendo seu objeto de trabalho as situações de ensino e aprendizagem nas suas múltiplas manifestações" (DELIBERAÇÃO 030/2011, p. 02).

Os espaços de atuação do pedagogo são vários, tendo assim o atendimento de diferentes idades e públicos, ao abarcar a docência na Educação Infantil, no Ensino Fundamental, e ainda na Gestão Pedagógica em espaços formais e não formais, exigindo saberes diversos e consistentes. Independente do espaço que atue, o foco do trabalho pedagógico é a educação, na incumbência de promover a aprendizagem dos sujeitos.

Para Saviani (1992) a educação é entendida como um fenômeno próprio dos seres humanos, que se constituem enquanto tal no processo de produção de sua existência, essa produção, que envolve agir na e sobre a natureza promovendo sua transformação, é chamada de trabalho. É por meio do trabalho que o homem produz o mundo humano.

Ao falarmos do trabalho do professor, vale ressaltar que, ao efetivá-lo, o docente expressa uma concepção de mundo, retratada na sua concepção de educação. Para Saviani (1992), o trabalho educativo é o ato de produzir direta e intencionalmente, nos indivíduos, a humanidade que é construída histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. É também um trabalho necessário para melhor apropriação da realidade.

[...] o homem não se faz homem naturalmente; ele não nasce sabendo ser homem, vale dizer, ele não nasce sabendo sentir, pensar, avaliar, agir. Para saber pensar e sentir; para saber querer, agir ou avaliar é preciso aprender, o que implica o trabalho educativo (SAVIANI, 1992, p.15).

Assim, é de fundamental importância o estágio na formação inicial de professores, pois além da rica experiência sobre o trabalho educativo, possibilita refletir sobre os meios para uma educação mais humana.

BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Entende-se por Estágio Curricular Obrigatório o conjunto de atividades elaboradas com o objetivo de promover oportunidades de aprendizagem profissional, social e cultural, por meio da participação em situações reais de trabalho, envolvendo docentes supervisores, estudantes e campos de estágio.

No curso de Pedagogia da UEL o objetivo do Estágio Curricular Obrigatório é “oportunizar ao estudante o início da experiência profissional nas suas diferentes áreas de atuação” (DELIBERAÇÃO 030/2011, p. 02). As áreas de atuação, de acordo com a Deliberação 030/2011 que regulamenta o estágio curricular da Pedagogia, são: docência na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Gestão Pedagógica em espaços escolares, não-escolares e em outras instâncias de organização social.

O graduando em Pedagogia realiza estágio obrigatório em cada uma das áreas mencionadas, sendo que a carga horária do estágio em Anos Iniciais do Ensino Fundamental é de 136 horas e ocorre no último ano do curso. O campo de estágio deve ser uma escola com ensino presencial ou outro espaço que se caracterize com experiência profissional nas áreas de atuação que atendam às condições definidas pela Resolução CEPE nº 0166/2008.

O estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental ocorre na escola, por ser o espaço no qual os estudantes do curso de Pedagogia atuarão enquanto profissionais quando da sua conclusão. Inserir os alunos no futuro campo de atuação propicia: conhecer a diversidade das atividades pedagógicas, estabelecendo uma práxis reflexiva das ações que envolvem alunos desta faixa etária; elaborar, desenvolver e avaliar projetos e planos de aulas; e refletir sobre a repercussão do estágio na formação docente.

VIVÊNCIA NO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

As 136 horas do estágio, destinadas aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, foram cumpridas durante o quarto ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina, no ano de 2012, em uma escola da rede municipal da cidade de Londrina/PR que atende os níveis: Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

As reuniões realizadas com a supervisora, antes da entrada no campo de estágio, propiciaram discussões sobre: a teoria do desenvolvimento humano, a caracterização do campo, a importância do estágio na formação de professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, além de orientações gerais e textos de apoio para a realização do estágio.

No campo, o estágio foi efetivado uma vez na semana e em duplas, as quais vivenciaram a rotina de 3 turmas, sendo uma turma de 1º ano e duas de 2º ano, onde aconteceram as observações e as intervenções participativas registradas no diário.

A observação se deu de maneira participativa, sendo reconhecida por Coutinho (2002 apud SOUTHER e MAESTRI, 2009), como o procedimento metodológico mais apropriado para desenvolver uma investigação na convivência com crianças. Assim, a observação participante, nas turmas dos Anos Iniciais, teve como objetivo conhecer a realidade escolar, espaço onde se dará a atuação do futuro profissional. Ela se consolidou a partir: do auxílio ao professor responsável pela turma, da elaboração de projetos de intervenção e da confecção de materiais didáticos a favorecerem a melhoria do processo ensino/aprendizagem.

O auxílio ao professor consistiu em: recortes/colagem de atividades nos cadernos das crianças, correção de atividades, atendimento individual aos alunos, correção de leitura e escrita, contação de história, entre outras atividades.

Considera-se que o estágio realizado foi bem sucedido, pois não houve imprevistos para o cumprimento de prazos e teve boa aceitação pelos profissionais da escola que colaboraram com as necessidades das estagiárias. Os professores regentes foram ótimos incentivadores e contribuintes com a aprendizagem do grupo do estágio, compartilhando suas experiências profissionais. O convívio com os alunos foi muito gratificante, pois permitiu observar suas especificidades e o fazer pedagógico na realidade das turmas que compõem os Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

As observações foram refletidas com base nos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da formação acadêmica e nos encontros com a supervisora do campo, a fim de analisar e compreender as práticas presenciadas na escola. Desta forma, o estágio

[...] não se resume à aplicação imediata, mecânica e instrumental de técnicas, rituais, princípios e normas aprendidas na teoria. A prática não se restringe ao fazer, ela se constitui numa atividade de reflexão que enriquece a teoria que lhe deu suporte. O estágio é um processo criador, de investigação, explicação, interpretação e intervenção na realidade (PIMENTA, 1995, p. 74).

As intervenções foram realizadas com base nos temas indicados pela professora regente, sendo orientadas e acompanhadas pela supervisora de campo do estágio curricular. Assim, a partir de idas e vindas, ou seja, de muitas reflexões, a construção do plano de aula buscava focar atividades diferenciadas tendo especial atenção para o estímulo do ato de ler.

No que se refere às atividades de leitura, em duas das intervenções foram utilizadas a contação de história, no intuito de estimular a produção de texto. Em uma delas, a história contada³ foi interrompida no clímax para que os alunos, em duplas, dessem continuidade, por meio de escrita e de desenho, para na sequência compartilhem com a turma. Foram trabalhados como conteúdo: os elementos textuais necessários para a estruturação de um texto, finalizando a aula com o término da história do livro, ou seja, com a continuidade da leitura, a fim de que comparassem o final da autora e o final que foi elaborado pelas duplas.

Em outra atividade, com o objetivo de ampliar os conhecimentos sobre as letras do alfabeto e a criatividade, houve a proposta de elaboração de um texto, a partir do tema propiciado pela literatura infantil e pelo jogo de quebra-cabeça. Nesta, pediu-se que as crianças confeccionassem um quebra-cabeça, relacionado à história contada⁴, além de produzirem um texto sobre o tema para partilharem com os demais colegas. Ambas as atividades de intervenção tiveram o objetivo de estimular o aluno leitor.

A supervisora do estágio, estando presente nos momentos de intervenção, tendo em vista auxiliar no que fosse necessário e com o olhar de quem precisa contribuir na formação de novos profissionais, após cada intervenção, atribuía o *feedback* para ajudar a dupla de estagiárias a refletir sobre os objetivos alcançados, as dificuldades encontradas e demais aspectos que poderiam ser contemplados ou melhorados. A estratégia de atribuir o *feedback* é uma forma de favorecer ao estudante a reflexão sobre a sua própria ação, tendo em vista a revisão e aprimoramento da própria prática, pois "não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão" (FREIRE, 1998, p.78). Dessa forma, os silêncios foram rompidos pelos momentos de diálogo sobre as intervenções, nas turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, possibilitando o fazer pedagógico amparado na reflexão, com vistas a melhorar a qualidade das práticas de ensinar. Para Gasparin (2007, p. 113), "ao assumir o

³ "Romeu e Julieta" (Ruth Rocha) / Turma de 2º ano.

⁴ "No reino das letras felizes" (Lenira Almeida Heck) / Turma de 1º ano.

papel de mediador pedagógico, o professor torna-se provocador, contraditor, facilitador e orientador”, papel assumido pela professora supervisora do estágio curricular.

Como dificuldade, vale apontar a experiência de efetivar intervenções para a introdução de novos conteúdos, ou seja, aqueles ainda não abordados pela professora regente. Este momento se mostrou como inoportuno, devido a vários fatores: falta de consolidação de conhecimentos básicos para se avançar ao novo, a metodologia utilizada pelo estagiário ser diferente da habitual, utilizada pela regente, e com certeza, a falta de experiência do estagiário em introduzir um novo assunto. Ficando evidente a complexa tarefa de ser professor.

Como boas experiências, leva-se, entre outras coisas, a metodologia da professora alfabetizadora que explora, a todo o momento, letras e palavras advindas da realidade dos alunos, seja nos momentos: da entrada na sala, do calendário, de formação de palavras a partir de uma palavra-base, entre outros. A professora que tem esta prática demonstrou ainda, a atenção à individualidade dos alunos, pois intervém para ajudá-los a pensar e ter autonomia.

Além disso, tem-se também a experiência com diversas ações para o incentivo à leitura, realizada em todas as salas, como: o avental de leitura para o aluno que termina sua atividade antecipadamente, a contação de histórias, a pasta da leitura que os alunos levam para casa, o espaço para os alunos que trazem livros poderem lê-los para os colegas e a hora do conto. Devido à sua importância, esses momentos precisam existir, podendo ser melhorados e ampliados, pois contribuem na aprendizagem como um todo.

Deste modo, a realização do estágio possibilitou experienciar a rotina da sala de aula e o ambiente escolar. Segundo Pimenta (1995) a prática escolar é uma prática social coletiva, que envolve diferentes pessoas com diferentes competências e que dividem entre si as tarefas das necessidades escolares de acordo com suas competências. Essa prática escolar coletiva é orientada por um projeto político pedagógico único, caracterizando a organicidade da escola, enquanto instância social.

Para que seu trabalho seja consolidado eficientemente, o professor necessita ter bases sólidas adquiridas na formação inicial, e, cotidianamente, estar em busca de aperfeiçoamento. A efetivação da prática docente exige formação adequada, pois a realidade escolar determina uma ação condizente com o esperado desse profissional.

REFLEXÕES TEÓRICAS

O contato com o campo de estágio possibilitou uma visão mais ampla de certos elementos que perpassam o fazer pedagógico. Destacamos aqui dois deles: a rotina presente na sala de aula estabelecida entre professor e alunos e as práticas para a formação leitora.

A rotina, assim como os conteúdos escolares, tem seu papel na sala de aula, pois contribui principalmente na organização do andamento das atividades e na redução da ansiedade das crianças, já que sabendo do que irá acontecer, num tempo determinado, os alunos ficam mais tranquilos. Nesta perspectiva, “A rotina representa, também, a estrutura sobre a qual será organizado o tempo didático, ou seja, o tempo de trabalho educativo realizado com as crianças” (BRASIL, 1998, p.54).

Essas atividades de rotina, realizadas diariamente num tempo determinado, são, por exemplo, como visto durante o estágio: a entrada da criança na sala de aula, após dizer algo solicitado pela professora, como uma palavra iniciada com determinada letra ou um jogo preferido; a prece; o cabeçalho no quadro com o nome da cidade, data e nome da escola e a marcação no calendário do dia correspondente. A criatividade da professora possibilita a diversificação dessas atividades, favorecendo a interação com os alunos.

Outra atividade inserida na rotina se refere à formação leitora dos alunos. Para isso, fica exposto na sala de aula um avental de literatura infantil, usado pelas crianças que terminam a atividade da aula antes dos demais, ou seja, enquanto esperam os colegas terminarem lêem algum livro escolhido. Há também na rotina, de outra turma, a contação de histórias em dois momentos: no início da aula, após a marcação do calendário e na volta do recreio. Existe na escola o momento da “hora do conto”, realizado na biblioteca por outra professora que não a regente da turma, no entanto, por restrição da mesma não foi possível as estagiárias vivenciarem esta atividade. Essas práticas, ainda que não suficientes, mas, apropriadas, contribuem na aproximação da criança com o ato de ler.

Destaca-se a relevância do papel da leitura no desenvolvimento das crianças, na sua formação enquanto aluno, sujeito e cidadão, pois assim como Silva (1986), acredita-se que ler é possuir elementos de combate à alienação e ignorância que levam à emancipação humana. Nota-se, portanto, que as práticas cotidianas de leitura contribuem para a formação do aluno-leitor, assim como foi para Freire (1999, p. 16): “[...] a

compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo através de sua prática”, no contato com a família, escola e mundo.

Outras práticas observadas em sala de aula são: os livros que os alunos levam para casa, a fim de ler com a família e também aqueles que são levados de casa para a escola, tendo em vista mostrá-los à turma e à professora, que se apresentou incentivadora a esta ação. Nestes momentos, escola e família oportunizam que a criança construa a importância do ato de ler por meio da prática cotidiana.

De acordo com Bakhtin (1995, p. 108), “os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar”. Esse processo de construção da língua pressupõe a relação com o outro, seja seu par ou um terceiro mais experiente.

Freire (1999) também considera que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, demonstrando que antes da compreensão dos signos escritos, realizamos outra leitura, que envolve os sentidos que atribuímos aos signos⁵ presentes no cotidiano do ser humano desde seu nascimento. Esses momentos de leitura/aprendizagem são fundamentais para a compreensão da palavra escrita posteriormente.

A decodificação dos signos gráficos (letras) proporciona leitura do texto, ato imprescindível tratando-se da escrita, mas a significação vai se constituindo com a relação que se estabelece entre o novo texto e os significados, que já foram constituídos pelo leitor, representados pelas leituras anteriores, experiências e bagagem preexistentes.

Poderemos aceitar que a decodificação é uma condição fundamental que, se não for satisfeita, não permitirá o desenvolvimento da leitura a níveis ulteriores. No entanto, reduzir a leitura à técnica da decifração seria muito limitado. Todos os signos gráficos traduzem uma mensagem, e a posse de uma técnica de leitura resultaria inútil se não permitisse atingir o pensamento (VIANA e TEIXERIA, 2002, p.11).

Freire (1999) também vem ao encontro dessa afirmação, quando diz que a compreensão crítica do ato de ler vai além da simples decodificação da palavra escrita, e se antecipa e se alonga na inteligência do mundo.

A leitura se alonga para além das letras, está na relação com o mundo, com os outros, conosco. Está no gosto da maçã e na expressão de quem come a maçã, está no *outdoor*, no discurso, no panfleto, na música, na pintura, o tempo todo perpassando os

⁵ Ver mais em: BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. Cultrix, Editora da USP

sentidos. Sendo assim, considera-se a leitura como um ato pelo qual se pode atribuir sentidos e o seu prazer é algo pessoal e íntimo, encontrado nas leituras cotidianas.

Hoje, com a presença ampla dos múltiplos textos, é mais que imprescindível o domínio da leitura, pois ela tem implicações diretas em estar no mundo, passando pela comunicação, ir e vir, informações necessárias ao conhecimento, lazer e cultura.

Para a motivação pela leitura na escola, professores leitores são indispensáveis. “O primeiro requisito, portanto, para que o contato aluno/texto seja o menos doloroso possível é que o mestre não seja um mau leitor. Que goste de ler e pratique leitura” (ZILBERMAN, 1993, p.54).

Sabe-se que a ênfase nos primeiros Anos do Ensino Fundamental está na alfabetização (leitura e escrita) e na matemática, assim, o esforço do professor em alfabetizar corretamente seus alunos tem sido enorme, há que se pensar, no entanto, para além da decodificação das palavras, mas numa formação leitora ampla.

O começo do Ensino Fundamental significa leitura, escrita, matemática (reduzida à aprendizagem de operações elementares). Fracasso escolar inicial quer dizer fracasso em alguma dessas matérias. Se a criança ainda não sabe manejar bem as operações matemáticas, de qualquer forma o professor consegue fazer coisas com ela, mas se não sabe ler ao final do primeiro ano, o professor do segundo ano não sabe o que fazer com ela (FERREIRO, 2001, p.19).

Algumas estratégias de leitura⁶ podem auxiliar o aluno que apresenta dificuldades com leitura, pois tal fato não pode ser ignorado nos bancos escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio, na formação inicial do professor, tem seu papel colaborador na práxis educativa, como integrador de uma formação mais ampla que atende às necessidades de compreender, a partir de âmbitos diversos, as possibilidades do trabalho educativo.

Vivenciar o ambiente escolar, suas rotinas, dificuldades, avanços, coletividade, individualidade, diversidade das atividades pedagógicas e demais elementos, que perpassam o fazer na escola, se torna possível com a participação ativa do estagiário no campo que será, em um futuro próximo, seu local de trabalho.

⁶ Ver mais em: Mary Rangel. **Dinâmicas de leitura para sala de aula**. Vozes; Paulo Freire. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. Autores Associados: Cortez.

A visão sobre as práticas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental é muito mais ampla quando há a oportunidade de vivenciá-las no estágio, na medida em que se observa o papel do outro, na figura da professora regente, e há o espelhamento, colocando-se em seu lugar, refletindo sobre suas ações, possibilitando o conhecimento de uma realidade que ainda não é cotidiana, mas que será tão logo se finalize a graduação.

Nesta configuração, o estágio se torna uma ponte entre o conhecimento teórico, filosófico e metódico com a realidade cotidiana do ambiente escolar, uma vez que a ida ao campo proporciona um olhar mais amplo e aprofundado das técnicas e teorias aprendidas na Universidade. Os momentos de vivência em sala de aula possibilitaram diversificados conhecimentos, entre eles agregar experiência e refletir sobre a relevância da formação de alunos leitores, aprendendo, por meio de observações das ações das professoras regentes, e ensinando, nos momentos de intervenções, estratégias a favorecerem a leitura e decodificação do mundo.

É fundamental, então, que o estágio esteja presente na vida acadêmica do futuro professor, para que ele tenha a possibilidade de uma visão mais ampla a respeito de sua formação, do trabalho a ser desenvolvido com os alunos, dos conhecimentos específicos necessários e da realidade em si, mesmo que o período de convivência na instituição não seja muito grande.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 7.ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. Tradução de Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, Editora da USP, 1971.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** — Brasília: MEC/SEF, 1998.

DELIBERAÇÃO 030/2011. Câmara de Graduação, em reunião do dia 8/11/2011. Regulamento do estágio Curricular Obrigatório e Não Obrigatório do Curso de Pedagogia.

FERREIRO, Emilia. **Cultura escrita e educação: conversas de Emilia Ferreiro com José Antonio Castorina, Daniel Goldin e Rosa María Torres**. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 25.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 38.ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1999.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica.** 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido. **O pedagogo na Escola Pública.** São Paulo: Edições Loyola, 1995.

RANGEL, Mary. **Dinâmicas de leitura para sala de aula.** Petrópolis: Vozes, 1990.

RESOLUÇÃO CEPE Nº 0166/2008. Regulamenta o Estágio de Graduação da Universidade Estadual de Londrina.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica:** primeiras aproximações. 3.ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

SILVA, Ezequiel T. **Leitura na escola e na biblioteca:** Leitura e Conscientização. Campinas SP: Papyrus, 1986.

SOUTHIER, Anelisa B.; MAESTRI, Andréia. **A instituição de educação infantil como lugar de pesquisa e conhecimento sobre as infâncias.** Nº 11 mar/2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/zeroiseis/article/view/10043>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

VIANA, Fernanda L.; TEIXEIRA, Maria M. **Aprender a ler:** da aprendizagem informal à aprendizagem formal. [S.L]: Asa, 2002.

ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola:** as alternativas do professor. 11.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.